

Warning: getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/volto_di_cristo_apparizioni.jpg): failed to open stream: No such file or directory in

/home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

Warning: getimagesize(images/stories/priore/evangelodelladomenica/volto_di_cristo_apparizioni.jpg): failed to open stream: No such file or directory in

/home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

Home

XVIII domingo do Tempo Comum

[Imprimir](#)
[Imprimir](#)

Multithumb found errors on this page:

There was a problem loading image

'images/stories/priore/evangelodelladomenica/volto_di_cristo_apparizioni.jpg'

There was a problem loading image

'images/stories/priore/evangelodelladomenica/volto_di_cristo_apparizioni.jpg'

GIOTTO,Rosto de Cristo

4 agosto 2013

Reflexões sobre as leituras

de LUCIANO MANICARDI

A falta de inteligência transforma-se também em ausência de relações e recusa de fraternidade porque o horizonte interior e existencial do rico é totalmente absorvido pelo próprio *ego*

4 agosto 2013

Reflexões sobre as leituras

de LUCIANO MANICARDI

Ano C

Ecl 1,2; 2,21-23; Sal 94; Col 3,1-5.9-11; Lc 12,13-21

O *trabalho* é para o homem e não o homem para o trabalho; os *bens materiais* são para o homem e não o homem para os bens materiais: talvez possamos sintetizar desta forma a mensagem das leituras deste domingo que advertem o homem do nosso tempo de fundamentar a sua vida apenas no fazer e no ter, no produzir e no possuir. Há um aspeto *absurdo*, revela o Eclesiastes, no afano do homem, sol-a-sol, sendo claro que aquilo que o homem ganha pelo seu trabalho incessante passará para outros que nunca se cansaram (I leitura). Jesus adverte dos perigos da avareza, da ganância, do desejo de possuir, recordando a precariedade da condição humana (Evangelho). A *morte* aparece, seja no Eclesiastes, seja no Evangelho, como a realidade que aniquila os desejos de poder e glória, desmascarando-os como ilusões, que podem, se alertadas a tempo, reconduzir o homem à realidade, à humildade e à sabedoria. Quem quer

conhecer-se deve interrogar-se sobre a morte, porque ela revela ao homem o que verdadeiramente é essencial e tem sentido na vida.

Jesus recusa intervir numa disputa entre irmãos por questões de herança (cf. Lc 12,13-14). Diante do penoso, e tantas vezes recorrente, espetáculo de profundas divisões que acontecem nas partilhas de uma família, Jesus distancia-se e clarifica que esses assuntos nada têm a ver com a missão que recebeu do Pai. A *obediência ao Pai* faz com que Jesus não se sinta legitimado a intervir em qualquer circunstância, em todos os casos, independentemente do tipo e da natureza do assunto. “*Homem, quem me nomeou juiz ou encarregado das vossas partilhas?*” (Lc 12,13). Jesus recusa-se a substituir as autoridades legítimas e a cumprir ações que competem à justiça; remete-as para o poder judicial e para as figuras que a sociedade civil constituiu para o efeito. Dirijam-se diz, no fundo, Jesus, aos órgãos civis. Temos nestas palavras (que rimam com a célebre afirmação de César e de Deus, cf. Mc 12,17 e outras paralelas) um ensinamento que pode iluminar e inspirar a “*laicidade justa*” que a Igreja e os crentes são chamados a viver na sociedade civil.

A resposta de Jesus vai do plano exterior das disputas para o plano interior do coração: ele adverte todos dos perigos da ganância, da avareza, do desejo de possuir. A avareza vem do coração (cf. Mc 7,22) e é equiparável à idolatria (cf. Col 3,5). E a ganância que aqui emerge a propósito de uma partilha de heranças é a mesma que impede a obtenção da herança do Reino de Deus (cf. Ef 5,5). A idolatria dá uma ilusão de vida, mas produz a morte. A *vida* não consiste nos bens, diz Jesus e faz-nos interrogar em que é que consiste a nossa vida? Em que é que a fazemos consistir? De que é que a fazemos depender? “Mas o que é a vossa vida?” pergunta Tiago aos ricos que dizem “*Hoje ou amanhã iremos a tal cidade, passaremos ali um ano, faremos negócios e ganharemos bom dinheiro*”, enquanto não sabem, nem podem saber “*o que será a vossa vida no dia de amanhã*” (Gc 4,13-14).

Este *meter as mãos no futuro* é aquilo que é repreendido também ao rico insensato da parábola narrada em Lc 12,16-21. A cegueira que a riqueza provoca é evidenciada na figura do rico estúpido, literalmente “sem inteligência”, (*áphron*: Lc 12,20). Ele pensa possuir, também, aquilo que, por definição, é indisponível: o tempo, o futuro e a vida. E o binómio riqueza – estupidez é expresso de tal modo que o “pleno” da riqueza parece camuflar o desolador *vazio*, a penosa carência de inteligência e de sabedoria do rico.

A falta de inteligência transforma-se também em ausência de relações e recusa de fraternidade porque o horizonte interior e existencial do rico é totalmente absorvido pelo próprio *ego*: ele “*enriquece para si*” (Lc 12,20) esquecendo Deus e os irmãos. O pecado é sempre, recorda Agostinho, “*dobrar o coração sobre si próprio*”.

Reflexões sobre as leituras

de LUCIANO MANICARDI

Comunidade de Bose

Eucaristia e Parola

Textos para as Celebrações Eucarísticas - Ano C

© 2009 Vita e Pensiero